

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DA UFRGS

Thaís Dias Medeiros

Mestranda em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
tmedeiros497@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0104-1176>

Natascha Helena Franz Hoppen

Doutoranda em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
natascha.hoppen@ufrgs.br
<http://orcid.org/0000-0003-0959-9577>

Samile Andréa de Souza Vanz

Doutora em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
samile.vanz@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0003-0549-4567>

RESUMO

O presente estudo caracteriza a produção científica sobre estudos de gênero no Lume – Repositório Digital da UFRGS – por meio de análise bibliométrica. O corpus é delimitado pelos documentos sobre estudos de gênero, sexualidade, feminismo e teoria queer. A produção concentra-se nas áreas de Ciências Sociais e Humanidades, Comunicação e Saúde. Os assuntos majoritariamente abordados são: sexualidade, feminismo, estudos culturais, relações de gênero, masculinidades e educação. Conclui-se que a UFRGS produz sobre a temática estudos de gênero, especialmente nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, Comunicação e Saúde, e que sua produção na área acompanha o desenvolvimento nacional desse campo de estudo.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Bibliometria. Repositório Digital Lume.

SCIENTIFIC OUTPUT ABOUT GENDER STUDIES IN UFRGS' DIGITAL REPOSITORY

ABSTRACT

This article studies the scientific output about gender studies in Lume – UFRGS's Digital repository – through bibliometric analysis. The corpus is delimited by documents on gender studies, sexuality, feminism and queer theory. The output found is centered in the areas of Social Sciences and Humanities, Communication and Health. The subjects covered the most are: sexuality, feminism, cultural studies, gender relations, masculinities and education. It is concluded that UFRGS has a significant output on gender studies, especially the areas of Social Sciences and Humanities, Communication and Health, and that that output follows the national development of this field of study.

Keywords: Gender studies. Bibliometrics. Lume Digital Repository.

Recebido em: 27/05/2020

Aceito em: 31/08/2020

Publicado em: 31/12/2020

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) destaca-se enquanto

produtora e disseminadora de conhecimentos científicos em âmbito nacional e internacional (UNIVERSIDADE..., 2018). Segundo o ranking nacional de universidades, que leva em conta indicadores de pesquisa, ensino, mercado, internacionalização e inovação, a UFRGS figura como a quinta melhor do país (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017). Além disso, alcança a posição de segunda melhor universidade do Brasil, segundo o Índice Geral de Cursos do Ministério da Educação (UNIVERSIDADE..., 2017).

Uma das áreas na qual a UFRGS é protagonista é a dos estudos de gênero, por possuir grupos, núcleos e linhas de pesquisa, projetos de extensão, publicações e pesquisadores de renome nessa temática. Os estudos de gênero no Brasil estão historicamente presentes nas universidades por meio de grupos de pesquisa e dos periódicos dedicados ao tema (DINIZ; FOLTRAN, 2004), o que torna a UFRGS relevante no contexto dessa área de estudo, visto que, de acordo com pesquisa realizada na base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DPG) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a UFRGS está entre as dez instituições com maior número de grupos e linhas de pesquisa sobre estudos de gênero, dentre 236 instituições no Brasil. Destaca-se a importância do GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero –, criado em 1990 na UFRGS, um dos grupos de pesquisa precursores dos estudos de gênero no Brasil (GRUPO..., [2018?]).

Outra contribuição da UFRGS para a área foi a publicação do texto de autoria de Joan Scott intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, traduzido por Guacira Lopes Louro e publicado pela *Revista Educação e Realidade*, da Faculdade de Educação da UFRGS, no ano de 1990. Esse texto foi um marco para os estudos de gênero, e sua tradução e publicação no Brasil foram importantes para o crescimento da discussão do tema no país, sendo um dos mais citados nas análises sobre a categoria ‘gênero’ (SOIHET; PEDRO, 2007).

Uma importante ferramenta para a divulgação da produção científica da instituição é o Lume, o Repositório Digital da UFRGS. Este destaca-se entre instituições e repositórios do Brasil e do mundo, alcançando uma posição de destaque nacional e na América Latina no *Ranking Web of University*, que avalia a presença, a visibilidade e o impacto do conteúdo das instituições divulgado na internet (UNIVERSIDADE..., 2017).

Os materiais disponibilizados no Lume são de acesso aberto e podem ser encontrados em pesquisas realizadas em buscadores como o Google. Com isso, acontece

uma maximização da divulgação e do acesso à produção científica presente no repositório, uma vez que não é necessário que o usuário final conheça ou acesse o Lume para chegar aos seus documentos. Assim, o Lume democratiza a produção realizada na instituição e auxilia no fluxo da comunicação científica, uma vez que sua produção pode ser facilmente consultada e servir de base para novos estudos. (PAVÃO, 2010).

A escolha pela temática justifica-se por serem múltiplas as discussões e as publicações nessa área de estudo abrangendo temas como feminilidades, masculinidades, *queer*¹, maternidade e paternidade, raça, etnia, trabalho, violência, sexualidade etc. Como consequência do aumento e diversificação dos estudos e publicações relacionadas aos estudos de gênero, passou-se a buscar a caracterização desta produção. Sendo assim, um estudo bibliométrico a partir do repositório digital de uma universidade é uma forma de reunir, sistematizar e caracterizar essa área de pesquisa em âmbito institucional. Pelo destaque da UFRGS nos estudos de gênero, o mapeamento bibliométrico propicia o conhecimento de como essa área se desenvolve e auxilia na tomada de decisões para o fortalecimento das pesquisas neste tema.

Os estudos sobre produção científica visam compreender o avanço da ciência em suas diversas áreas disciplinares e temáticas por meio do mapeamento e análise dessa produção. Auxiliam, ainda, na tomada de decisões e na realização e no gerenciamento de novos estudos. (MACIAS-CHAPULA, 1998). Tendo em vista que as universidades propiciam a produção de conhecimento a partir da investigação científica (STUMPF, 2000) e que, no Brasil, a produção do conhecimento científico está predominantemente ligada às instituições de ensino superior, compreender a produção científica realizada nas universidades é um caminho para entender a ciência em âmbito nacional. (OLIVEIRA; AMARAL, 2012). A avaliação dessa produção pode ser realizada por meio de indicadores quantitativos que utilizam padrões matemáticos, como a bibliometria. (SPINAK, 1998).

As análises bibliométricas sobre estudos de gênero são recentes e, em sua maioria, focadas em indicadores de participação da mulher na ciência e da influência da maternidade e do trabalho doméstico nessa participação. (DE LUCA *et al.*, 2011; HAYASHI *et al.*, 2007; LETA, 2003; OSADA; COSTA, 2006). Há outros estudos que

¹ A temática *queer* traz a discussão sobre a construção social para o domínio da sexualidade (SILVA, 2016), a partir da investigação do “sujeito” enquanto categoria de análise, e da desconstrução das supostas dicotomias homem/mulher e hetero/homossexual, ao afirmar a indeterminação e a instabilidade das identidades sexuadas e generificadas (SALIH, 2018). Para Louro (2004, p. 7), o *queer* está relacionado com o “[...] sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*.”

analisam a produção vinculada a uma temática específica, como violência de gênero, ou a uma área de estudo, como Ciência da Informação e, ainda, a produção veiculada em periódico específico da área. (ANDRADE; MACEDO; OLIVEIRA, 2014; AQUINO, 2006; ARAÚJO; SCHRAIBER; COHEN, 2011; CAPPELLE *et al.*, 2007; DINIZ; FOLTRAN, 2004; ESPÍRITO SANTO, 2008; FIORAVANTI; NASCIMENTO; MARTÍNEZ-ÁVILA; SABBAG, 2019; MATOS, 2018).

Este artigo tem por objetivo identificar e averiguar as características da produção científica sobre estudos de gênero depositada no Repositório Digital Lume da UFRGS. Assim, o presente trabalho realiza uma análise bibliométrica da produção sobre estudos de gênero armazenada no Lume, uma vez que o repositório agrega a produção da instituição em acesso aberto, o que facilita a visibilidade e acesso à esta produção. Pretende-se compreender a produção científica e acadêmica sobre estudos de gênero em um escopo institucional e realizar a mensuração e análise dos documentos sobre esta temática gerados na universidade.

2 MAPEAMENTO DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Em sua maioria, as pesquisas acerca da produção científica sobre estudos de gênero no Brasil focam em apenas uma ou duas vertentes destes estudos e estão ligadas a alguma área específica do conhecimento. É o caso de Silva e Flores (2016), que estudam a produção científica sobre gênero e educação publicada no formato de artigo na Base de Dados Educ@ entre os anos de 2010 e 2014. As autoras perceberam crescimento de publicações sobre o tema nesta base entre os anos de 2013 e 2014, e destacaram a importância do estudo das questões terminológicas relacionadas ao termo 'gênero' quanto à escolha das palavras-chave utilizadas pelos autores para descrever seus artigos. As autoras decidiram pela combinação de 'educação' AND 'gênero' AND 'gênero e educação', o que pode ter deixado fora de seu estudo artigos relacionados aos estudos de gênero e à educação que não foram abrangidos por essa escolha de termos e que, portanto, não foram recuperados.

Andrade, Macedo e Oliveira (2014) e Cappelle *et al.* (2007), por sua vez, estudaram a produção científica sobre gênero a partir da temática da administração. O primeiro estudo foca sua análise nos grupos de pesquisa de administração e gênero e suas produções científicas. Seus resultados apontam um aumento no número desses grupos

de pesquisa relacionados aos estudos de gênero e administração e percebem, ainda, o aumento da abertura para publicações sobre a temática nos periódicos científicos.

Cappelle *et al.* (2007) centram sua pesquisa nos artigos publicados nos anais do Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD) e nos periódicos de administração com classificação 'A' pelo Qualis² entre os anos de 1995 e 2004. Após análise dos dados, sugerem a diversificação das abordagens da produção sobre gênero e administração, uma vez que predominam aquelas focadas na polarização entre o feminino e o masculino. Acreditam que essas pesquisas ainda estão em sua fase inicial no Brasil e que a diversificação dos estudos de gênero e administração, bem como a produção de novos conhecimentos, é essencial para o desenvolvimento dessas áreas de estudo.

Aquino (2006) destaca a influência do feminismo nas universidades para a institucionalização da perspectiva de gênero nas pesquisas e políticas públicas na área da Saúde. Utiliza os descritores 'gênero', 'mulher' e 'sexualidade' para sua coleta de dados por meio do Diretório de Grupos de Pesquisa (DPG), da Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD) e dos periódicos *Revista de Saúde Pública*, *Cadernos de Saúde Pública*, *Ciência e Saúde Coletiva* e *Revista Brasileira de Epidemiologia*. A autora relata que os principais temas das publicações sobre gênero e saúde são: reprodução e contracepção; violência de gênero; sexualidade e saúde; trabalho e saúde; e saúde mental; e afirma que, apesar de as publicações sobre gênero e saúde terem aumentado, é preciso ampliar essas pesquisas para questões como raça/etnia, classe social e geração.

Com uma pesquisa sobre a produção científica em estudos de gênero também delimitada na área da Saúde Pública, Araújo, Schraiber e Cohen (2011) analisam os artigos de periódicos e anais de congressos na área da Saúde por meio da utilização do termo 'gênero' como estratégia de busca nos periódicos *Cadernos de Saúde Pública*, *Revista de Saúde Pública*, *Ciência e Saúde Coletiva*, *Saúde e Sociedade*, *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, *Interface*, e *Revista Brasileira de Epidemiologia*. As autoras percebem o aumento da produção deste campo de estudo tanto nos periódicos quanto nos anais de congressos entre os anos de 1990

² O Qualis é uma ferramenta para a avaliação das revistas científicas brasileiras e é utilizado para classificar a produção intelectual dos programas de pós-graduação no Brasil. As revistas científicas são classificadas em 8 estratos (A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3 e B4), sendo A1 o maior estrato e B4 o menor. No ano de 2019 a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES adotou novos critérios de avaliação, que terão como referência princípios como área-mãe do periódico e indicadores bibliométricos e matemáticos (BARATA, 2016; FREIRE, G.; FREIRE, A., 2019).

e 2008. Realizam, também, uma análise quanto à aplicação do conceito de gênero, tratando como não coerentes os trabalhos que utilizavam gênero como sexo dos indivíduos estudados, e destacam essa dificuldade dos autores ao utilizar esse termo, constatando que sua utilização como sinônimo de sexo é o maior problema para a inclusão desses estudos na Saúde.

Brilhante *et al.* (2016) estudam a produção científica sobre 'violência de gênero'. Utilizam 'gender' e 'violence' na base de dados *Web of Science*, excluindo os artigos que usam o termo 'gênero' enquanto substituto para sexo. Evidenciam a violência contra a mulher como destaque entre as pesquisas, bem como a Psicologia como área predominante e os Estados Unidos da América como país com maior número de publicações. Concluem que o número expressivo de periódicos que publicaram artigos sobre violência de gênero e as diversas áreas disciplinares desses periódicos sugerem a relevância desse assunto no meio acadêmico.

Espírito Santo (2008) analisa a produção científica sobre estudos de gênero na Ciência da Informação. Utiliza os termos 'mulher/woman', 'gênero/gender', 'sexo/sex' e 'informação/information' para recuperar artigos de periódicos da área com Qualis A e B por meio do Portal de Periódicos da Capes, além dos anais das edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib) realizadas até o ano do estudo. Nos artigos levantados pela pesquisa, notou a predominância das questões relacionadas à presença das mulheres em publicações científicas, bem como seu acesso à informação e à tecnologia. E conclui que, apesar da evolução desse tema na Ciência da Informação, é preciso pensar sobre a responsabilidade dos periódicos científicos e cursos de pós-graduação quanto à não-inclusão dos estudos de gênero nessa área.

Matos (2018) analisou a produção veiculada na *Revista Estudos Feministas* (REF), uma das revistas mais importantes da área no país, voltada exclusivamente para estudos de gênero. A autora utilizou indicadores bibliométricos na análise de artigos publicados entre os anos de 2001 e 2016 presentes na base de dados *Scielo*. Entre os resultados levantados, destacam-se a predominância de autoria individual, o aumento no número de publicações nos anos mais recentes da pesquisa e as temáticas voltadas, principalmente, às questões teóricas, à violência contra a mulher e ao incremento de políticas públicas.

Estudo semelhante, também quanti e qualitativo, embora sem utilizar indicadores bibliométricos, foi feito por Diniz e Foltran (2004), que analisaram as publicações da REF

de 1992 a 2002. As autoras também verificaram a predominância de autoria individual, embora numa porcentagem muito maior que a encontrada por Matos (2018) – enquanto no período de 1992 a 2002 as publicações individuais perfaziam quase 90% do periódico (DINIZ; FOLTRAN, 2004), de 2001 a 2016 o percentual caiu para quase 70%. (MATOS, 2018). A predominância de artigos de cunho teórico também foi verificada no primeiro estudo, além de 92% de artigos de metodologia qualitativa e quase nenhuma publicação com dados empíricos. Já as temáticas predominantes parecem ter se modificado ao longo dos anos – na análise de Diniz e Foltran foram: a divisão sexual do trabalho, análises literárias, reprodução e teorias feministas.

A tentativa de compreender como a construção social sobre mulheres e homens influencia na sua presença na universidade e na ciência também foi ponto de partida de vários estudos. Estes pesquisam, em sua maioria, indicadores de participação feminina na ciência em diversas áreas, e de que maneira questões como a maternidade, por exemplo, influenciam nessa participação. Hayashi *et al.* (2007) analisam a situação das docentes da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e baseiam-se nas teorias sobre as questões de gênero e da participação feminina na ciência. Por meio de pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa, perceberam um aumento no número de mulheres presentes na atividade científica no Brasil.

Leta (2003) estuda a presença das mulheres na ciência no Brasil, apresentando um histórico da sua participação na ciência e discutindo sobre os aspectos sociais que podem afetar essa participação. Por meio dos dados da pesquisa, demonstra um aumento da participação das mulheres como pesquisadoras e como líderes nos grupos de pesquisa, o que mostra um maior reconhecimento e aumento da qualificação delas na ciência.

De Luca *et al.* (2011) focam sua pesquisa na participação feminina na área de Contabilidade por meio da análise dos anais de eventos da área e utilizam a bibliometria para investigar a participação feminina na autoria de artigos. Concluem que a participação das mulheres na produção científica da área ainda é pequena.

Já Osada e Costa (2006) encaminham seu foco de análise para a área da Biologia Molecular, buscando compreender as questões sociais que influenciam a presença das mulheres na pesquisa em biologia por meio dos estudos de gênero. Ao analisar as subáreas de conhecimento da Biologia quanto ao recebimento de financiamento e à presença de coordenação feminina, percebem indícios de discriminação de gênero. Para

as autoras, os dados da pesquisa apontam para uma rejeição da perspectiva feminina na produção científica.

Em 2009, a pesquisadora Martha Narvaz realiza um estudo sobre gênero na UFRGS para sua tese em Psicologia. A autora faz um levantamento das teses e dissertações sobre gênero na UFRGS e, posteriormente, foca sua análise na Psicologia, enumerando os grupos de pesquisa na área por meio do Diretório dos Grupos de Pesquisa e de levantamento dos planos de ensino das disciplinas de Psicologia da universidade. A autora utiliza o descritor 'gênero' em suas buscas e percebe que, na UFRGS, são poucas as áreas disciplinares que trabalham com questões de gênero em suas pesquisas e estudos. O mesmo comportamento é percebido em relação às teses e dissertações da universidade que abordam gênero, mostrando-se predominantes na Educação, Ciências Sociais e Humanidades e na Psicologia. Para a autora, tanto no Instituto de Psicologia quanto na UFRGS, os estudos de gênero não são reconhecidos nem institucionalizados. (NARVAZ, 2009).

O presente artigo realiza uma ampliação do estudo de Narvaz (2009) em termos de objetos de análise e período, trazendo à tona a produção de artigos e outros documentos, além de teses e dissertações. A análise amplia-se, também, ao incluir a produção recente da UFRGS, que, conforme será apresentado na seção de análise e interpretação dos dados, cresce substancialmente nos últimos anos. Em relação às outras análises bibliométricas brasileiras aqui relacionadas, percebe-se o aprofundamento em temas específicos ou áreas do conhecimento. Em contraposição, este estudo busca abordar toda a produção científica em estudos de gênero a partir do espectro de uma universidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como procedimento metodológico, utilizaram-se indicadores quantitativos para caracterizar a produção científica sobre estudos de gênero, analisando o volume dessa produção por ano, tipologia documental, área/unidade acadêmica de vinculação, assuntos e periódicos de publicação. A pesquisa possui caráter bibliométrico, uma vez que utiliza padrões matemáticos para o estudo dessa produção. Santos e Kobashi (2009) argumentam, porém, que os estudos métricos da informação não consistem apenas na quantificação de dados, mas em atribuir significados e qualificá-los para que possam ser

utilizados em políticas de Ciência e Tecnologia (C&T). O mapeamento da produção científica e acadêmica possibilita, assim, a compreensão e avaliação desta por meio do delineamento de suas características e de seu desenvolvimento. Os estudos métricos da informação são delimitados a partir da sua finalidade e objetivos de estudo.

A bibliometria, segundo Spinak (1998, p.142), “[...] compreende a aplicação de análises estatísticas para estudar as características do uso e criação de documentos.”. É possível realizar avaliações com base em contagens de diversas tipologias documentais, por período, por pesquisador, por instituição ou por país, assim como por meio de citações e co-citações, colaboração e coautoria, ou outros aspectos. (MUELLER, 2008). Sendo assim, através da bibliometria é possível a mensuração e a compreensão da produção científica sobre estudos de gênero depositada no Lume.

O corpus da pesquisa é constituído pela produção científica sobre a temática estudos de gênero publicada entre 1987 (ano do primeiro documento sobre a temática encontrado nesta pesquisa) e 2017, armazenada no Lume, Repositório Digital da UFRGS. O Lume surgiu a partir da Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD) da universidade, devido à necessidade de ampliar a visibilidade da sua produção científica em acesso aberto na web, bem como pela importância de preservar essa produção. Os materiais disponibilizados no Lume, destaca-se, são de acesso aberto, com exceção de partes dos documentos que, por interesse de autor, não podem ser disponibilizados ao público (por exemplo, parte de teses ou dissertações relativas a patentes em trâmites de depósito).

A coleta de dados foi realizada em 9 de abril de 2018 por meio do catálogo *online* das bibliotecas da UFRGS – Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi) –, com o qual o Lume interopera. Desta forma, algumas das comunidades, subcomunidades e coleções do Lume são alimentadas pelo SABi. (PAVÃO *et al.*, 2016). A necessidade de realizar a coleta por meio da interface do SABi deu-se pela possibilidade de coletar e salvar os dados em diversos formatos. Através do Lume, os documentos podem ser compartilhados por e-mail, gerenciadores de referências e outros. Porém, cada trabalho deve ser compartilhado individualmente, o que gera uma limitação quando se trabalha com um grande número de documentos. O SABi, entretanto, permite que todos os dados de uma busca sejam salvos e importados de uma única vez.

Para a definição da estratégia de busca, levou-se em conta outros estudos similares (BRILHANTE *et al.*, 2016; ESPÍRITO SANTO, 2008; NARVAZ, 2009; SILVA; FLORES,

2016), a complexidade da área de estudo e a polissemia do termo 'gênero'. Definiu-se, então, a seguinte estratégia de busca: **gênero OR sexualidade OR 'estudo de gênero' OR 'estudos de gênero' OR feminismo OR feminismos OR 'estudo feminista' OR 'estudos feministas' OR 'estudo sobre mulher' OR 'estudos sobre mulher' OR queer**.

Utilizou-se o campo de busca 'Pesquisa em linguagem de comandos (CCL)'. Os comandos utilizados foram assunto (WSU) e título (WTI), ambos com a utilização do comando localização eletrônica (WUR), para que fossem recuperados apenas os itens presentes no Lume, excluindo, assim, documentos como livros e periódicos físicos disponíveis no catálogo SABI, mas não disponibilizados em formato eletrônico e em acesso aberto no Lume.

Ao realizar a busca por assunto, obteve-se um total de 911 resultados, que foram selecionados e salvos utilizando a opção 'Completo' para formato dos registros, e exportados em .txt. O mesmo procedimento foi adotado para a busca por título, na qual se obteve 767 resultados. Os dados foram reunidos em um único arquivo, totalizando 1.678 documentos recuperados. Realizou-se a limpeza destes documentos por meio da retirada dos itens duplicados e dos trabalhos que não estavam ligados aos estudos de gênero. Após esse refinamento, o volume a ser analisado foi de 732 documentos. Os dados foram, então, organizados em formato tabelado no *software Microsoft Excel*.

A polissemia do termo 'gênero' é uma das dificuldades enfrentadas por pesquisas nessa área. Por, semanticamente, designar classe, 'gênero' é utilizado de diversas formas em várias áreas de estudo. Por isso foram recuperados trabalhos que possuíam os termos da estratégia de busca, mas que não estavam efetivamente relacionados aos estudos de gênero. Nota-se que, na busca pelo título, foi recuperada uma maior quantidade de trabalhos relacionados à Biologia. Já na busca por assunto, os itens recuperados não relacionados aos estudos de gênero eram, em sua maioria, ligados à Língua Portuguesa, Cinema e Música. Em ambas as buscas, recuperaram-se dados relacionados à área da Saúde em que gênero foi utilizado como sinônimo de 'sexo' – tal qual no estudo de Araújo, Schraiber e Cohen (2011).

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O escopo de análise é composto por 732 documentos sobre estudos de gênero

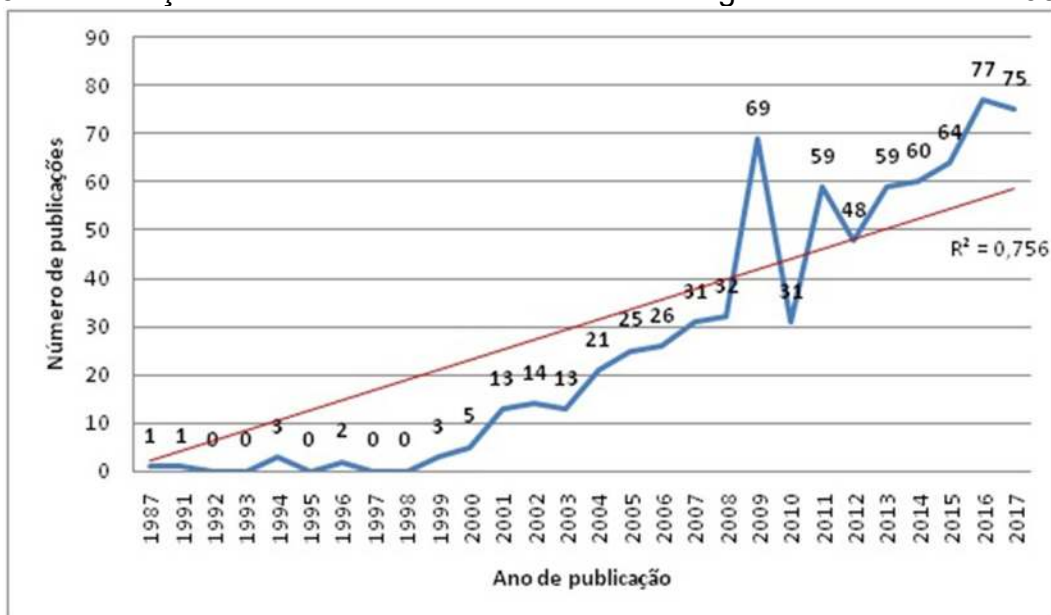
depositados no Repositório Digital Lume entre 1987, ano do primeiro trabalho encontrado, e 2017. Esse primeiro trabalho é uma dissertação de autoria de Marta Júlia Marques Lopes, sob o título de *O trabalho da enfermeira: nem público nem privado – feminino, doméstico e desvalorizado*, que analisa de forma crítica a história da Enfermagem e sua relação com a subordinação da mulher na sociedade patriarcal. (LOPES, 1987). A temática do trabalho feminino reflete o momento do feminismo no Brasil na época: reivindicações dos direitos das mulheres trabalhadoras, que ganhou força no país após a publicação de *A mulher da sociedade de classes*, de Heleieth Saffioti, em 1969.

Do período entre 1988 e 1990, não foram encontrados trabalhos sobre o assunto. Entre 1991 e 1998, não há um padrão na produção, com nenhum documento nos anos de 1992, 1993, 1995, 1997 e 1998, e mais de um em 1994 e 1996 (Gráfico 1). Tal performance leva à uma curva que se ajusta levemente ao crescimento linear (R^2 0,756). Entretanto, seu desenvolvimento neste período não é constante, o que começa a ocorrer a partir de 1999, com um pico no ano de 2009, que apresenta 69 documentos sobre o tema, 37 a mais que o ano anterior (2008). Esse fato pode ser explicado pela criação de grupos de pesquisa sobre a temática na década de 1990, bem como pelo aumento dos estudos sobre feminismo e gênero nas universidades do Brasil, proporcionado pelos investimentos da Fundação Ford.

Diniz e Foltran (2004) afirmam que o apoio da Fundação Ford a esse campo de estudo “[...] imprimiu uma certa característica às pesquisas de gênero no Brasil [...]”, como, por exemplo, na escolha do nome da *Revista Estudos Feministas* (REF), que não utilizou estudos de gênero em seu nome como uma forma de salientar “[...] a inserção da revista junto aos movimentos de mulheres no Brasil [...]” e, assim, facilitar para que a revista conseguisse financiamento da Fundação Ford. (DINIZ; FOLTRAN, 2004, p.252).

Nos três anos seguintes – 2010, 2011 e 2012 –, há uma oscilação no número de produções, que, apesar de se manterem altas – 31, 59 e 48 documentos respectivamente –, não apresentam evolução constante. De 2012 a 2016, a produção volta a apresentar crescimento, com uma leve queda no número de publicações em 2017. É possível que essa queda tenha ocorrido pelo fato de os documentos terem sido recuperados em 2018 e, assim, não estarem incluídas produções de 2017 ainda não depositadas no Lume. O tempo para depósito depende da entrega do documento nas bibliotecas da UFRGS e da demanda de trabalho de cada unidade.

Gráfico 1 – Evolução dos documentos sobre estudos de gênero no Lume de 1987-2017



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma possível explicação para a baixa e inconstante produção das décadas de 1980 e 1990 é o momento de mudanças políticas no país e no movimento feminista, assim como o processo de institucionalização dos estudos de gênero. Nessa época, inicia a abertura política no Brasil e uma diversificação nas tendências do movimento feminista, sendo uma ainda voltada para a organização política e outra para questões relacionadas à subjetividade e às relações interpessoais. (SARTI, 2004).

Essa diversificação cresceu com o retorno de estudiosas feministas ao Brasil após o período de exílio durante a Ditadura Militar, quando tiveram contato com pesquisadoras feministas e de gênero de outros países. Foi na década de 1990, também, que se criaram núcleos, grupos de pesquisa e periódicos sobre estudos de gênero no país. Assim, a produção dessa época parece refletir a fase de transição em que o país, o movimento feminista e o início da institucionalização dos estudos de gênero se encontravam. De 1999 a 2017, observa-se a consolidação dos estudos de gênero na UFRGS, com trabalhos sobre o tema em todos os anos.

Outra possível razão para o pequeno volume de documentos nas décadas de 1980

e 1990 e o baixo crescimento nos anos 2000 é a implementação do Lume em 2008. Segundo as políticas e procedimentos do SABI (UNIVERSIDADE..., [2018?]d), o depósito retrospectivo de documentos no Lume fica a critério das bibliotecas do sistema. Desta forma, as publicações anteriores a 2008 podem ser digitalizadas e depositadas no Lume, porém, não há política mandatória para esse procedimento, e nem orientação institucional referente ao registro dos trabalhos de conclusão de curso de especialização no SABI e no Lume (UNIVERSIDADE..., [2018?]a).

O pico de documentos encontrado em 2009 pode ser reflexo da implementação do Lume no ano de 2008 e do depósito dos trabalhos de conclusão de curso de especialização ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao GEERGE entre os anos de 2009 e 2011. Durante esses três anos, foram depositados 28 TCCs de especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, 13 destes no ano de 2009. Desta forma, a decisão de armazenamento de uma biblioteca setorial em relação a uma tipologia documental pode explicar os dados aqui apresentados.

Os trabalhos de conclusão de curso (TCC) (170 de graduação e 47 de especialização) são os que perfazem maior quantidade de documentos: 217 no total (29,6% em relação ao total de documentos). Logo atrás estão as dissertações de mestrado, com 172 itens (23,5%), seguidas pelos artigos, que somam 151 documentos (20,6%). Após, figuram teses de doutorado, com 108 documentos (14,8%), e trabalhos de evento, com 58 itens recuperados (7,9%). Os outros tipos – material editorial (14 documentos) e livros/capítulos de livro (12) – somam, juntos, 3,5% do total de documentos.

Apesar de o artigo ser considerado o principal canal de comunicação de pesquisas científicas (MEADOWS, 1999), este não foi identificado como a tipologia com maior número de documentos nesta pesquisa. Assim, não representa a totalidade da produção sobre estudos de gênero da UFRGS, uma vez que artigos, livros/capítulos de livros e materiais editoriais publicados em revistas de acesso fechado não são recuperados e acessados através do Lume. Circunstância que pode justificar uma presença maior de trabalhos de conclusão de curso e dissertações do que de artigos de periódicos, tanto quanto o fato de que áreas como a Educação priorizam tradicionalmente a publicação em livros. Ressalta-se, ainda, que estudos bibliométricos em repositórios digitais apresentam características diferentes dos estudos em bases de dados. Os repositórios institucionais

depositam toda a produção acadêmica de uma universidade, o que também pode explicar porque os artigos não são a principal fonte de publicação no presente estudo.

A produção sobre estudos de gênero é interdisciplinar e se relaciona com inúmeras áreas do conhecimento. Desta forma, é importante compreender com quais áreas essa produção se relaciona majoritariamente. No SABI, são utilizados, para descrição do documento, dois campos relacionados ao assunto: o do assunto geral, que é utilizado para representar o conteúdo genérico do documento, e o campo para entrada secundária de assunto (UNIVERSIDADE..., [2018?]a).

Quanto a esses assuntos secundários abordados nos documentos, pode ser observada uma diversificação de temáticas, vertentes e marcadores (Tabela 2). O número de assuntos secundários por documento varia de acordo com sua tipologia. Segundo a Política de Indexação do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, os livros, capítulos de livros, teses, dissertações e trabalhos de eventos podem apresentar até oito assuntos por documento. Já os trabalhos de conclusão de curso podem ser descritos por até três assuntos. (SILVA *et al.*, 2014).

Por meio desses dois campos, é possível compreender a que áreas do conhecimento a produção sobre gênero está ligada (assunto geral) e quais assuntos são abordados nestes documentos (assunto secundário). Os documentos são descritos por mais de um assunto geral e secundário. Assim, não serão inclusos nas tabelas os valores totais, uma vez que o número de assuntos é maior do que o de documentos e sua porcentagem não é igual a 100%.

Tabela 1 – Assuntos gerais indexados nos documentos sobre estudos de gênero do Lume, de 1987 a 2017, com mais de 4,0% sobre o total de documentos

Assunto geral	Número de Documentos	% sobre o total de documentos
Educação	234	32,0
História	55	7,5
Comunicação	39	5,3
Antropologia	36	4,9
Saúde	36	4,9
Psicologia social	33	4,5
Sociologia	33	4,5
Ensino e aprendizagem	33	4,5
Literatura	30	4,1

Fonte: Dados da pesquisa.

O assunto geral com maior destaque é Educação (32,0%), seguido por História

(7,5%). Isso pode ser explicado pela presença do grupo de pesquisa GEERGE, ligado à educação, e dos grupos Arteversa, Convivência em Educação para a Saúde, GEIN e Grecco, que possuem linhas de pesquisa ligadas aos estudos de gênero relacionados com temáticas educacionais. Os demais assuntos gerais elencados na tabela também podem ter sua ocorrência justificada pela ligação com os grupos de pesquisa da UFRGS.

Esses dados apontam para uma baixa diversificação de áreas do conhecimento que abordam a temática estudos de gênero. Resultado semelhante foi encontrado por Narvaz (2009) ao realizar levantamento das teses e dissertações da UFRGS sobre gênero. A autora apontou a presença de documentos com o termo 'gênero' concentrados nas áreas Educação, Ciências Sociais e Humanidades, Antropologia, Ciência Política, Letras, História, Psicologia e Enfermagem. Assim, é possível afirmar que, passados oito anos do estudo de Narvaz (2009), a produção sobre estudos de gênero continua concentrada nas mesmas áreas do conhecimento.

Tabela 2 – Assuntos indexados nos documentos sobre estudos de gênero no Lume, de 1987 a 2017, com mais de 5,0% sobre o total de documentos

Assunto dos Documentos	Número de documentos por assunto	% sobre o número total de documentos
Gênero	355	48,5
Sexualidade	140	19,1
Feminismo	86	11,7
Mulher	68	9,3
Mulheres	66	9,0
Estudos de gênero	57	7,8
Estudos culturais	52	7,1
Corpo	46	6,3
Representação	44	6,0
Relações de gênero	43	5,9
Masculinidade	40	5,5
Identidade de gênero	37	5,1

Fonte: Dados da pesquisa.

Gênero é o assunto com maior ocorrência entre os documentos entre os documentos, e, devido à possibilidade de se apresentar mais de um descritor por documento, é comum que ele venha acompanhado de outros termos, como feminismo e mulheres, por exemplo. Esse dado abre espaço para o retorno à discussão sobre os usos do termo 'gênero', conforme discutido no referencial teórico. Enquanto 'estudos de gênero' aparece como assunto em 57 documentos, 'gênero' aparece em 355 vezes. Com isso,

é possível inferir que gênero está sendo usado como um sinônimo de estudos de gênero.

O termo 'raça' aparece como assunto em 17 documentos. Já marcadores como classe, etnia e termos relacionados ao colonialismo aparecem em menos de 10 documentos e, por isso, não foram incluídos na Tabela 2. Esses dados indicam que, apesar de estes marcadores estarem crescendo enquanto foco na produção dos estudos de gênero (PISCITELLI, 1996), ainda não apresentam um destaque na produção no Lume. Das 29 unidades acadêmicas da UFRGS, 19 apresentam publicações sobre estudos de gênero no Lume (Tabela 3).

Tabela 3 – Número de TCCs, dissertações e teses sobre estudos de gênero no Lume, por unidade acadêmica da UFRGS, de 1987 a 2017

Unidade acadêmica	Número de documentos por unidade	% sobre o total de documentos
Faculdade de Educação	160	32,2
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas	114	22,9
Instituto de Letras	38	7,6
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação	37	7,4
Instituto de Psicologia	33	6,6
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança	20	4,0
Escola de Enfermagem	19	3,8
Faculdade de Direito	18	3,6
Faculdade de Ciências Econômicas	18	3,6
Demais 11 unidades	40	8,0
Total	497	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A Faculdade de Educação (FACED) é a unidade universitária com maior número de TCCs, dissertações e teses na área armazenadas no Lume, com 32,2% do total destes documentos. Uma possível explicação está na presença do já mencionado GEERGE, que tem extensa produção na área. Em segundo lugar vem o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), com 22,9% – o que também pode ser justificado pela presença do Grupo de Pesquisa Gênero, Feminismo, Cultura e Políticas Públicas. Ambos os grupos são vinculados aos Programas de Pós-Graduação de suas unidades acadêmicas. Em terceiro, está o Instituto de Letras (7,6%) e, em quarto, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), com 7,4%.

Dentre as unidades com maior número de documentos, a FABICO é a única que não possui um grupo ou linha de pesquisa ligado aos estudos de gênero cadastrado no Diretório de Grupo de Pesquisas. Núcleos de pesquisa como o Aquenda,

por exemplo, não formalizado junto ao DPG, e a grande quantidade de documentos com os assuntos Estudos culturais (52), Mídia (24) e Cinema (12) – ver Tabela 2 – são uma possível razão para a sua presença entre as unidades com maior produção sobre estudos de gênero.

Destaca-se que a formalização dos grupos e núcleos de pesquisa depende dos interesses e objetivos de seus líderes e coordenadores. (COSTA; SARDENBERG, 2014). Na opinião de Costa e Blay (1992), nos anos 1990, os líderes que buscavam a formalização tinham por objetivo o desenvolvimento de atividades de extensão e pesquisa que dependiam de captação de recursos, enquanto os que privilegiavam pesquisas internas e individuais tendiam a fugir das burocracias relativas à formalização. É possível, ainda, que a produção esteja ligada aos professores pesquisadores.

Apesar de a FABICO não ter grupo ou linha de pesquisa ligada exclusivamente aos estudos de gênero, apresenta quatro docentes com grande número de orientações a trabalhos nessa temática. Já a Faculdade de Medicina, que possui grupo de pesquisa na área, não possui orientador com destaque de produção voltada a ela. Além disso, por ser uma área interdisciplinar, a produção sobre os estudos de gênero pode ser influenciada pelas áreas do conhecimento às quais está ligada. Assim, os grupos de pesquisa ligados às Ciências Sociais, Humanas e Comunicação podem privilegiar a publicação de TCCs, teses e dissertações, enquanto grupos ligados à área da Saúde dão preferência aos artigos e aos trabalhos de eventos. Com base nesses dados, infere-se que a produção sobre estudos de gênero se mantém concentrada nas áreas ligadas às Ciências Sociais e Humanas, Comunicação e Saúde, e em unidades que possuem grupos ou linhas de pesquisa voltadas a esse campo. E, ainda, que a produção em áreas não consolidadas na pesquisa sobre estudos de gênero acontece por interesse de pesquisadores individuais.

O curso de graduação com o maior número de TCCs sobre estudos de gênero é a Licenciatura em História (15,3%). Esse dado está de acordo com o número de documentos que apresentam Educação e História em seus assuntos gerais. O mesmo acontece com os cursos de Licenciatura em Pedagogia (10%), em Letras (7,6%), em Educação Física (2,9%), em Ciências Biológicas (1,8%), em Teatro e em Ciências Sociais (1,2%). Pode-se inferir que os cursos de licenciatura são os que mais produzem TCCs sobre estudos de gênero. Os resultados indicam um destaque dos estudos de gênero nos cursos de graduação nas áreas de Artes, Comunicação e Ciências Sociais e

Humanas, igualmente, o que também demonstra uma aparente ausência dos estudos de gênero nos cursos nas áreas de Exatas. Em vista disso, é possível inferir que a tendência para os estudos de gênero nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, Comunicação e Saúde se dá desde a graduação.

Os trabalhos de conclusão de curso de especialização apresentam 47 documentos sobre estudos de gênero, que estão divididos entre 13 cursos, com 60% dessa produção concentrada no curso de especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Ligada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS e ao GEERGE, essa especialização foi ofertada entre os anos de 2009 e 2011. Observa-se que a Educação tem a produção majoritária sobre estudos de gênero também nos cursos de especialização. Aponta-se, ainda, para a influência dos grupos de pesquisa e suas atividades na promoção da produção sobre essa temática.

Os artigos publicados em periódicos são a terceira tipologia de documentos com maior número de publicações no presente estudo. Tendo em vista esse resultado e o fato de os artigos serem a principal forma de divulgação da ciência, faz-se importante compreender como a produção de estudos de gênero depositada no Lume se apresenta neste tipo documental. O número de artigos sobre a temática segue a tendência dos outros tipos de documentos, ou seja, não apresenta uma evolução constante.

A primeira publicação recuperada é de 1994: *A memória política: versões de gênero*, de autoria de Maria Castilhos Brito, publicada no *Cadernos Pagu*. O artigo trata da perspectiva de gênero durante a fundação de um dos partidos políticos brasileiros mais importantes na época. (BRITO, 1994). A data de publicação coincide com o período em que a discussão sobre a mulher na política brasileira voltou ao destaque das pautas feministas, tendo em vista o debate em torno da Constituição de 1988.

O fato de o primeiro artigo recuperado ser do ano de 1994 pode ser explicado pelos anos de criação dos principais periódicos sobre estudos de gênero no Brasil. A *Revista Estudos Feministas* foi criada no ano de 1992, já *Cadernos Pagu* teve seu início em 1993. (NARVAZ, 2009). A Tabela 4 mostra os 61 periódicos em que os artigos foram publicados, local de publicação dos periódicos, estrato Qualis de sua área prioritária, número de artigos e a respectiva porcentagem em relação ao total de artigos encontrados nesta pesquisa.

Os periódicos com maior número de publicações dos artigos encontrados são

Cadernos de Pesquisa (11,3%), Revista Estudos Feministas (9,3%), Educar em Revista (7,3%), Movimento (5,3%), Ciência & Saúde Coletiva (4,6%), Cadernos Pagu (3,3%) e Cadernos de Saúde Pública (3,3%). Percebe-se que três importantes periódicos da área estão entre os que apresentam maior número de publicações: Cadernos de Pesquisa, Revista Estudos Feministas e Cadernos Pagu, o que já foi destacado em estudos anteriores. (COSTA; BRUSCHINI, 1992; DINIZ; FOLTRAN, 2004; PISCITELLI; BELELI; LOPES, 2003). Tal resultado infere a preferência das pessoas autoras por publicarem os resultados de suas pesquisas sobre estudos de gênero em periódicos especializados (e renomados) da área.

Tabela 4 – Periódicos dos artigos sobre estudos de gênero no Lume, local de publicação, Qualis do periódico e número de artigos por periódico, de 1987 a 2017

Periódico	Local de Publicação	Qualis do Periódico (Qualis 2016)	Número de Artigos	% sobre o total de artigos
Cadernos de Pesquisa	São Paulo	A2 (Interdisciplinar)	17	11,3
Revista Estudos Feministas	Florianópolis	A1 (Interdisciplinar)	14	9,3
Educar em Revista	Curitiba	A1 (Educação)	11	7,3
Movimento	Porto Alegre	A2 (Educação Física)	8	5,3
Ciência & Saúde Coletiva	Rio de Janeiro	B1 (Saúde Coletiva)	7	4,6
Cadernos Pagu	Campinas	A1 (Interdisciplinar)	5	3,3
Cadernos de Saúde Pública	Rio de Janeiro	A2 (Saúde Coletiva)	5	3,3
Educação & Realidade	Porto Alegre	A1 (Educação)	5	3,3
Demais 53 periódicos	-	-	79	52,3
Total	-	-	151	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme exposto, além do financiamento de fundações estrangeiras, como a já mencionada Fundação Ford e também a Fundação MacArthur, a criação de grupos e núcleos de pesquisa sobre a temática nas universidades também pode ter influenciado o aumento da produção na área. Em seu estudo sobre a produção científica da UFRGS representada na WoS, Brambilla (2011) indica um notável crescimento do número de artigos entre 2000 e 2009. Isso também explicaria o aumento da produção sobre estudos de gênero no Lume, que pode ter acompanhado uma tendência de crescimento na publicação de artigos da UFRGS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, foi possível identificar e caracterizar a produção científica sobre estudos de gênero disponível no Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o Lume, bem como compreender a evolução dessa área na instituição. Também foi possível, por meio de uma visão geral, delinear as vertentes, temáticas e áreas disciplinares com maior destaque, e aquelas que podem ser alvo de políticas e metas para potencial desenvolvimento.

Verificou-se que a primeira publicação é uma dissertação do ano de 1987, porém, apenas a partir de 1999 há um crescimento no número de publicações. As tipologias com destaque em quantidade de documentos são os trabalhos de conclusão de curso (29,6%), as dissertações (23,5%), os artigos (20,6%) e as teses (14,8%). Infere-se que, apesar de constante, a produção sobre estudos de gênero no Lume não apresenta uma evolução regular em nenhuma das categorias documentais, o que parece refletir os momentos históricos do desenvolvimento da área no Brasil e na UFRGS.

Os documentos estão concentrados nas áreas de Ciências Sociais e Humanas, Comunicação e Saúde, o que está de acordo com o desenvolvimento da produção nacional de estudos de gênero. Notabiliza-se a pouca presença dos estudos de gênero nas demais áreas do conhecimento na universidade. Os assuntos majoritariamente abordados são: sexualidade, feminismo, estudos culturais, relações de gênero, masculinidades e educação, demonstrando a evolução histórica dos estudos de gêneros e a tendência de estes estudos estarem ligados à Educação.

Identificou-se a Faculdade de Educação como a unidade acadêmica da UFRGS com maior número de documentos sobre estudos de gênero. O curso de especialização ligado ao grupo de pesquisa GEERGE impulsionou a produção sobre a temática, representando 60% dos TCCs de especialização recuperados. Infere-se que a presença do grupo tenha influenciado a produção nessa área na UFRGS. O Programa de Pós-Graduação em Educação tem destaque no número de documentos, com produção de 38,2% sobre o tema, 29,6% a mais que o segundo colocado. Constatou-se que os orientadores com relevância nessa temática estão ligados a grupos, núcleos ou projetos de pesquisa, indicando uma possível relação entre os grupos de pesquisa e o desenvolvimento da área. O GEERGE é responsável por 19,8% das orientações sobre gênero encontradas, o que demonstra, novamente, sua importância nas pesquisas da área na UFRGS.

Foram recuperados 151 artigos sobre estudos de gênero no Lume. Dentre os

periódicos com maior número de publicações estão três importantes para a temática no Brasil: *Cadernos de Pesquisa* (11,3%), *Revista Estudos Feministas* (9,3%) e *Cadernos Pagu* (3,3%). Destaca-se que os periódicos com maior número de documentos apresentam, em sua maioria, estrato Qualis A1 e A2. Constata-se que a UFRGS produz sobre estudos de gênero e está entre as dez instituições de ensino superior com maior número de grupos de pesquisa ligados à temática. Destaca-se, também, a presença de linhas e núcleos de pesquisa, além de projetos e ações de extensão ligados a estudos de gênero. Há, portanto, uma forte presença dos estudos de gênero na UFRGS, mas que, no entanto, está limitada a poucas áreas do conhecimento (e que se mantêm desde análises anteriores da área na universidade): Ciências Sociais e Humanas, Comunicação e Saúde, com poucas ocorrências nas demais áreas e disciplinas.

Destarte, evidencia-se a relação dos grupos e linhas de pesquisas e seus líderes com a produção recuperada nesta pesquisa, em especial do GEERGE e seus pesquisadores. A produção sobre estudos de gênero no Lume acompanha o desenvolvimento nacional tanto da própria área quanto das áreas do conhecimento às quais está ligada, e dos assuntos abordados. Um exemplo disso são as duas publicações pioneiras localizadas (a dissertação de 1987 e o artigo de 1994) que se relacionam diretamente com o período histórico da área, que por sua vez é notadamente influenciada pelo cenário político e social no país.

Percebe-se, ainda, uma possível relação da produção sobre estudos de gênero com o interesse individual de professores pesquisadores pela área. É o caso da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, que não apresenta grupo de pesquisa formalizado sobre este campo de estudo, mas apresenta destaque de produção ligado a quatro pesquisadores. A Faculdade de Medicina, por sua vez, apresenta grupo de pesquisa, porém não se destaca em número de publicações. Assinala-se que as análises e resultados dos documentos recuperados neste estudo podem ter influência de diversos fatores, como a interdisciplinaridade da área e a história deste campo de estudos no Brasil e na UFRGS; e também pelo fato de esta ser uma análise bibliométrica em repositório digital, que se diferencia dos estudos realizados em bases de dados.

Acredita-se que o próprio desenvolvimento do Lume, bem como de suas políticas em conjunto com o Sistema de Bibliotecas da UFRGS, afetaram a recuperação de dados deste estudo, visto que sua implementação aconteceu em 2008 e que o depósito

retrospectivo dos documentos é opcional para as bibliotecas. O seu uso como instrumento de coleta e análise de dados institucional é, portanto, limitado quando se utiliza período de estudo anterior à sua implementação (uma limitação deste estudo). Quanto aos estudos de gênero, ressalta-se que a falta de precisão terminológica dos autores e dos indexadores dos documentos relacionados a este assunto são obstáculos para a recuperação de documentos e para as pesquisas na área.

Por fim, aponta-se que, passados oito anos do estudo sobre gênero nas teses e dissertações da UFRGS realizado por Narvaz (2009), houve poucas mudanças significativas nas pesquisas realizadas nessa temática. Apesar de a UFRGS realizar pesquisas sobre estudos de gênero, estas permanecem concentradas em poucas áreas do conhecimento (assim como grupos e linhas de pesquisa, cursos, unidades acadêmicas e pesquisadores da universidade). Sugere-se a realização de estudos sobre análises bibliométricas em repositórios digitais em comparação com bases de dados de acesso aberto, como a *SciELO*, a fim de melhor compreender como as diferenças entre essas ferramentas de busca e coleta de dados podem impactar nos resultados de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Luís Fernando Silva; MACEDO, Alex dos Santos; OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. A produção científica em gênero no Brasil: um panorama dos Grupos de Pesquisa de Administração. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 15, n. 6, p. 48-75, 2014.
- AQUINO, Estela M. L. Gênero e Saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. esp., p. 121-132, 2006.
- ARAÚJO, Maria de Fátima; SCHRAIBER, Lilia Blima; COHEN, Diane Dede. Penetração da perspectiva de gênero e análise crítica do desenvolvimento do conceito na produção científica da Saúde Coletiva. **Interface: comunicação, saúde, educação**, São Paulo, v. 15, n. 38, 2011.
- BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **RBPG**, Brasília, v. 13, n. 30, p. 13-40, jan./abr. 2016.
- BRAMBILLA, Sônia Domingues Santos. **A produção científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul representada na Web of Science (2000-2009)**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BRILHANTE, Aline Veras Morais *et al.* Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 703-715, 2016.
- BRITO, Maria Noemi Castilhos. A memória política: versões de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 197-228, 1994.
- CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves *et al.* A produção científica sobre gênero na administração: uma meta-análise. **REAd: Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 502-528, set./dez. 2007.
- COSTA, Albertina; BLAY, Eva. **Gênero e universidade**. São Paulo: NENGE-UPS, 1992.

- COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Uma contribuição ímpar: os Cadernos de Pesquisa e a consolidação dos estudos de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 80, p. 91-99, fev. 1992.
- COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília M. B. Teoria e práxis feministas na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. **Feminismos**, Salvador, v. 2, n. 2, maio/ago. 2014.
- DE LUCA, Márcia Martins Mendes *et al.* Participação feminina na produção científica em contabilidade publicada nos anais dos eventos Enanpad, Congresso USP de Controladoria e Contabilidade e Congresso Anpcont. **Revista de Contabilidade e Organizações**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 145-164, 2011.
- DINIZ, Debora; FOLTRAN, Paula. Gênero e Feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. esp., p. 245-264, set./dez., 2004.
- ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.
- FIORAVANTI, Denise Cristina Belan; NASCIMENTO, Francisco Arrais; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. SABBAG, Deise Maria Antonio. Estudos feministas no Brasil: uma análise da produção acadêmica sobre o feminismo na base de dados Scopus no período de 2007-2017. *In*: BARROS, T. H. B.; TOGNOLI, N. B. (Org.). **Organização do conhecimento responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas**. Belem: Ed. da UFPA, 2019.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Ranking Universitário Folha – RUF**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2017/>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo.; FREIRE, Isa Maria. Novo Qualis de periódicos da Capes. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 29, n. 4, 2019.
- GRUPO de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE). História. Porto Alegre, [2018?]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/geerge/>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini *et al.* Indicadores de participação feminina em Ciência e Tecnologia. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 2, 169-187, maio/ago. 2007.
- LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOPES, Marta Júlia Marques. **O trabalho da enfermeira: nem público nem privado**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.
- MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da infometria e da cientometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2. p. 134-140, maio/ago. 1998.
- MATOS, Gislaine Imaculada de. **Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2018.
- MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Bricquet de Lemos, 1999.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Métricas para a Ciência e Tecnologia e o financiamento da pesquisa: algumas reflexões. **Encontro em Biblioteconomia: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., 2008.
- NARVAZ, Martha Giudice. **A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- OLIVEIRA, João Ferreira de; AMARAL, Nelson Cardoso. A produção do conhecimento no Brasil e

no mundo: financiamento e políticas de ciência, tecnologia e inovação em debate. *In*: LEITE, Denise; LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos Lima (Org.). **Conhecimento, avaliação e redes de colaboração**: produção e produtividade na universidade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

OSADA, Neide Mayumi; COSTA, Maria Conceição. A construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 27, p. 279-299, jul./dez. 2006.

PAVÃO, Caterina Groposo. **Contribuição dos Repositórios Institucionais à comunicação científica**: um estudo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PAVÃO, Caterina Groposo *et al.* Práticas de interoperabilidade para a integração de acervos digitais heterogêneos e distribuídos. *In*: CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS Y REPOSITORIOS DIGITALES DE AMÉRICA LATINA BIREADIAL-ISTEC, 6., 2016, San Luis Potosí. **Anais**[...] San Luis Potosí: UASLP, 2016.

PISCITELLI, Adriana. “sexo Tropical”: comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 6/7, p. 9-33, 1996.

PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. **Cadernos Pagu**: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 242-246, jan./jun. 2003.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, Cientometria, Infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 155-172, jan./dez. 2009.

SARTI, Cyntia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, maio/agosto, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Ana Paula Araújo Cabral da *et al.* **Política de indexação do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SBURGS)**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/documenta/documentos/politica-de-indexacao-do-sistema-de-bibliotecas-da-universidade-federal-do-rio-grande-do-sul-sbufrgs>. Acesso em: 31 maio 2018.

SILVA, Denise Regina Quaresma da; FLORES, Helen Rose. Educação e Gênero em publicações científicas brasileiras: um estudo a partir da base Educ@. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2006, Manaus. **Anais** [...] Manaus: UFAM, 2016.

SOIHET; Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cientometricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 141-148, maio/ago. 1998.

STUMPF, Ida Regina Chitto. A comunicação da ciência na universidade: o caso UFRGS. *In*: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima (Org.). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de CI da Universidade de Brasília, 2000.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. **Pesquisa e inovação**. Apresentação. Porto Alegre. 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/pesquisa-e-inovacao/apresentacao>. Acesso em: 23 abr. 2018.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. **Ranking Web coloca UFRGS em posição de destaque**. Porto Alegre, 2017.

UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Sul. **Documenta**. Porto Alegre, [2018?]a. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/documenta/manuais-sabi/registro-bibliografico/campos-6xx>. Acesso: 30 maio 2018.